

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS:
A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO
RETRAIMENTO
Ahmed Boubeker

**O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS:
A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM
PROFUNDO RETRAIMENTO¹**

***ISLAN OF THE PUBLIC CONCERNS AND OBSESSIONS:
ISLAMOPHOBIA AND SECULARITY OF EXCEPTION IN A FRANCE OF
DEEP RETRACTION***

Ahmed Boubeker²

RESUMO

Os atentados cometidos na França por grupos alegadamente islâmicos tem acirrado o preconceito e a intolerância. Isto poderia ser diminuído por meio de um melhor conhecimento da lógica interna dos grupos de imigrantes de origem árabe.

Palavras-chave: Islamismo, Migração, Intolerância religiosa, Europa, Política.

ABSTRACT

The attacks in France for allegedly Islamic groups have strained prejudice and intolerance. It would be diminished through a better knowledge of the internal logic of the immigrant groups of Arab origin.

Keywords: Islamism, Migration, Religious intolerance, Europe, Politics.

A partir dos atentados de janeiro e de novembro de 2015, infelizmente, o que se tem destacado na França atual é a questão da segurança nacional, em detrimento daquela sociedade que se orienta para o viver juntos, em consequência de toda uma trama de discursos públicos em torno do perigo islamista e da laicidade ameaçada. Por uma leitura da atualidade que se reconecta com os piores estereótipos de um racismo, que tende a se banalizar, é que se traz à cena uma verdadeira história contada

¹ Tradução de Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo – Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisador no Instituto Casa das Áfricas (e-mail: savadogohadi@gmail.com). Revisão técnica: Norma Takeuti – Professora titular em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos – Culturas e Subjetividades – *Poiesis* (e-mail: normitk@gmail.com.br).

² Professeur des universités, Centre Max Weber, Paris.

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

(*storytelling*) e se põe em intriga tanto os pequenos como os grandes medos da sociedade francesa. Tanto a imigração pós-colonial como o terrorismo islâmico e as violências urbanas são agenciados como síndrome de uma mesma narrativa catastrófica, que vem sendo contada, a si mesma, por uma determinada França.

Se de fato acreditarmos nesses discursos públicos dominantes, torna-se urgente guerrear contra os “destruidores da República”, principalmente, contra a juventude das periferias, a qual se constituiria em uma “quinta coluna” de uma conspiração islâmica internacional. Isso seria o preço a se pagar para reencontrar os valores próprios e fazer reviver a promessa republicana. É assim que se impulsionou o moinho ideológico de produção do ódio. A mega-aposta política da família “Le Pen” é testemunho disso, a cada período eleitoral, como foi demonstrado nas eleições das Regionais em dezembro de 2014³.

É preciso situar essa deriva no contexto internacional de um liberalismo omisso, que gira conforme a barbárie do mercado, bem como que o forte crescimento de novos valores de desigualdade vem acompanhado de um choque mítico de civilizações, ideia tão cara aos neoconservadores americanos. Contudo, se a globalização desestabiliza nossas antigas referências, cada vez mais transparecem os limites pós-coloniais do universal abstrato à *la francesa* e ganha visibilidade gritante a clivagem entre os princípios do viver juntos e a realidade social.

Vivemos em uma sociedade em que os seus membros não aprenderam a viver juntos e em que vivem com medo. O medo do imigrante muçulmano, de uma invasão estrangeira é, sem dúvida, a síndrome mais arcaica de um “profundo retraimento” (BOUBEKER; BANCEL; BLANCHARD, 2015). No entanto, a França é, de fato, uma das sociedades com maior mestiçagem na Europa, de tal modo que a imigração é economicamente indispensável. Isso é um fato, mas o que isso importa para as paixões políticas?

³ O *Front National* se apresenta como o primeiro partido político da França, após o primeiro turno das eleições regionais de dezembro de 2015.

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

Do aumento da islamofobia ao grande medo do “jihadismo”, o presente artigo se propõe a esclarecer sobre esse profundo retraimento da pátria dos direitos humanos e do cidadão. Como se chegou a isso? Como é que teses opostas à herança democrática republicana podem, doravante, ser aceitas por tantos intelectuais, jornalistas, políticos e, mais amplamente, por um público de cidadãos anônimos?

ISLAMOFOBIA

No primeiro trimestre de 2015, o Observatório contra a islamofobia recenseou duzentos e vinte seis agressões ou fatos de vandalismo. Muçulmanas que usam o chador são violentadas, sinais de cruz são grafitados sobre as fachadas de mesquitas. Esse racismo, na França, não é algo de uma geração espontânea. Se a sua história é antiga, a sua nova “respeitabilidade” (ANTONIUS, 2002) vem acompanhada pela ascensão do *Front National* e pela sobrepujança política da direita, particularmente, com a criação do Ministério da Identidade Nacional, em 2007.

Esse racismo tem por respaldo um imaginário público. Até os anos 2000, as golfadas contra a imigração ou as ferroadas contra o islã estavam circunscritas à extrema direita. Porém, o que era exceção se tornou, hoje, a norma, tanto para os políticos como para os jornalistas e muitos intelectuais. A imigração na França se tornou assim o tema de predileção das paixões políticas. A sua rejeição, um velho refrão do *Front National*, impõe-se hoje como um estandarte para se confederar os eleitores. Seria um equívoco pensar que se trata simplesmente de representações negativas, pois o que existe, de fato, é um sistema ideológico de produção da rejeição do outro que permite configurar as relações sociais entre dominantes e dominados, principalmente pela abertura de um espaço editorial, dando ao racismo os seus novos ares de nobreza, ao mesmo tempo que deles não se prevalece. A impostura mediática, outrora denunciada por Pierre Bourdieu ou por Cornelius Castoriadis (2013), destrói hoje a existência de um espaço público de reflexão. Estamos, assim, assistindo ao grande declínio da função crítica, no dito país do “intelectual universal”. Sem essa função crítica sobre a qual se funda o *éthos* democrático

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

(CASTORIADIS, 2013), somente restará o “prêt-à-penser” (pensamento pronto) administrado pelas mídias. Não se trata mais de uns intelectuais desorientados que defendem e difundem tais e quais ideias políticas, mas de um conjunto de articulistas, de atores políticos e culturais, sendo uns e outros até mesmo autores famosos. Esse amplo espectro de pensamento é, no mais, pernicioso, porque ele se encontra incrustado nos partidos políticos republicanos, para além do *Front National*. O grande retraimento tem a ver, também, com a palavra política, incapaz de reconhecer as novas figuras da sociedade francesa.

O neorracismo vem de cima (da elite) e, aí, reside toda a gravidade do problema! Precisa-se, então, de um inimigo comum; assim, o árabe muçulmano indesejável torna-se essa figura. Entendemos que o neorracismo das elites é um racismo diferencialista e cultural, cuja principal expressão é a islamofobia, ou seja, para retomar o subtítulo da obra *Comment les élites françaises fabriquent le problème musulman*⁴, de Abdellali Hajjat e Marwan Mohammed. O último relatório da Comissão Nacional Consultiva dos Direitos Humanos (CNCDH, 2015) dá o sinal de alarme para o aumento dos preconceitos antimuçulmanos. São eles que fornecem a ilusão de um racismo respeitável em nome da laicidade. A parte de opiniões positivas sobre o islã limita-se a um quarto dos franceses entrevistados, sendo que mais da metade dos entrevistados considera que não se deve permitir o exercício do culto muçulmano.

Há somente vinte anos, o grande medo de islamização da França era nada mais do que um delírio da extrema direita. Essa fantasia obsessiva espalhou-se na rede digital, como um vírus, pelos sites do *Bloc identitaire*, *fdesouche*, *Riposte laïque*. Certamente, a fantasia foi alimentada pela crônica dos atentados islamistas, como também pelas campanhas midiáticas ou pela propaganda dos neoconservadores estadunidenses a respeito dos *Muslims riots* de 2005. Mais amplamente, para além dos ensaios de intelectuais midiáticos, é toda uma filmografia, bem como uma literatura antimuçulmana, que faz os lares tremerem: de uma variante romanesca ou biográfica de mulheres oprimidas (MUHSEN, *Vendues*, 1993; SOUAD, *Brulée vive*, 2004; MAI, *Déshonorée*,

⁴ Como as elites francesas fabricam o problema muçulmano.

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

2006; D'AUZON, *Convertie*, 2009; SHARIFF, *Dévoilée*, 2010) aos panfletos de ficção-política, tais como *La rage et l'orgueil*, de Oriana Fallaci, ou o *best-seller* de Bat Ye'or, *Eurabia: l'axe Euro-Arabe* (cena apocalíptica de uma Europa conquistada pelo islã). Acrescente-se aí o último título – *Soumission* – do famoso autor nacional Michel Houellebecq, o qual, em uma obra precedente, não hesita em tratar os muçulmanos de “desgraçados do Saara”, “Beduínos imundos”, que nada melhor têm a fazer do “que enrubar os seus camelos”.

AS FRONTEIRAS PÓS-COLONIAIS DE UMA LAICIDADE DE EXCEÇÃO

O *Front National* se apresenta como o último bastião de um “valor ameaçado” por um pretenso comunitarismo muçulmano. Tem como concorrente, pela direita, o partido de Nicolas Sarkozy – os Republicanos –, que defende ardorosamente a laicidade, até mesmo no tocante aos lanches escolares. Nesse campo de batalha, a esquerda não deixa de dar a sua “réplica laica”: aliás, foram os intelectuais dessa vertente que inventaram um novo catecismo laicista na pretensão de deslocar a obrigação de neutralidade do Estado para a sociedade. Ora, como se pode, assim, reconhecer no espaço público os destruidores da cidade laica? Pelos seus chadors, seus vestidos longos demais, suas interdições alimentares, suas barbas espessas e longas, e, por que não, pelas suas caras?

Como pôde ter ocorrido tal reversão na interpretação da lei de 1905, cujo artigo 1º assegura a liberdade de consciência e garante o livre exercício dos cultos? A França se imagina instrutora do mundo, após ter definido o lugar dos povos, pelos quatro cantos do mundo, através do seu gesto colonial. Só mesmo sendo francês para identificar sua própria cultura como a cultura universal: no país dos direitos humanos e do cidadão, o pertencimento político não vem substituir o pertencimento cultural?

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

No entanto, a grande narrativa republicana começou a gaguejar a partir do momento em que o Hexágono⁵ se tornou uma potência de segundo plano. Doravante, a coesão da grande nação, una e indivisível, está sendo questionada não apenas externamente, a partir da globalização, mas também internamente pelo transbordamento de outras narrativas que estavam, até então, confinadas em registros de memórias clandestinas e que, agora, se alçam para a cena midiática e cultural. Trinta anos atrás, o *Front National* decretou, nas mídias, que a identidade francesa se encontrava em perigo. Hoje, Marine Le Pen não precisa mais dizer que os imigrantes saqueiam nossas riquezas, basta dizer que eles não compartilham conosco os mesmos valores republicanos, que são comunitaristas e incapazes de se assimilar.

A defesa da laicidade tem virtudes ecumênicas na classe política e se impõe como instrumento de distinção “nós e eles”. De um lado, o “nós”, republicanos laicos, franceses pela ascendência ou de coração; de outro, “eles”, todos os demais, que são aqueles dos quais não se sabe nomear – os estrangeiros muçulmanos, jovens das periferias, filhos de imigrantes, franceses que não são verdadeiramente franceses e que seriam uma espécie de estrangeiros internos etc. Tudo começou, ao final dos anos 1980, quando do primeiro conflito a respeito do chador muçulmano⁶, em um contexto em que o islã francês se tornava cada vez mais visível⁷. A partir dos anos 2000, tudo passa a se acelerar com a globalização da tese relativa ao “choque das civilizações” (HUNTINGTON, 1997). Por trás da questão do chador, havia um monte de outras questões mal veladas: imigração, gênero, religião. É esse coquetel detonante que irá permitir a identificação do inimigo da República laica. O mundo inteiro se surpreende diante dessa “raiva laica”, cujo único alvo,

⁵ Referência ao formato do mapa da França (Nota de revisão técnica).

⁶ Em 1989, três alunas do Colégio Gabriel Havez de Creil recusam-se a retirar seu chador. Num primeiro momento, a laicidade realiza um compromisso amigável: cobrado pelo Governo, o Conselho do Estado toma a decisão de outorgar aos responsáveis das escolas a possibilidade de lidar como acham melhor com tal situação – caso por caso – desde que não ocorresse proselitismo. Entretanto, os problemas concernentes aos chadors vão se multiplicando e a laicidade gradativamente se endurecendo até chegar à proibição (do uso de chador), conforme a lei votada em 2004.

⁷ Herdeiro de uma longa história colonial, o islã da França permanece um culto minoritário sobre o qual, com muito eufemismo, diremos que foi mal aceito. Mesmo quando o assunto entra nas pautas de atualidades mais “quentes”, há 25 anos, o seu conhecimento permanece lacunar. Aliás, não se sabe realmente o número de muçulmanos franceses. Entre quatro ou cinco milhões? É o que se ouve dizer, mas se trata somente de uma aproximação, pois as estatísticas étnicas são proibidas.

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

doravante, é a religião muçulmana. O próprio Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ficou chocado diante do fato de um país Ocidental “ditar os trajés” que uma muçulmana “deve vestir”⁸.

“Mudamos a laicidade!” (BAUBEROT, 2014), assim se indigna o sociólogo Jean Bauberot, o qual evoca uma laicidade falsificada que sacraliza publicamente a fim de melhor profaná-la simbolicamente. Haveria, hoje, ao menos, duas laicidades: uma inclusiva e a outra restritiva. Enquanto a laicidade histórica procurava superar o conflito das duas *Franças* – uma que acreditava nos céus e outra que não acreditava –, a nova laicidade se tornava aos poucos uma defesa identitária das raízes da França mítica contra a imigração pós-colonial. A lei de 1905 é uma das mais importantes leis da III República, que veio reforçar as liberdades e favorecer o desenvolvimento da sociedade civil. Ela era sustentada pelas forças sociais ativas, contrariamente à nova laicidade reacionária, a qual não para de apontar para a extrema direita, carregando consigo os intelectuais desorientados da esquerda.

Estaríamos em guerra se acreditássemos naqueles que atacam o chador e o denunciam como o estandarte da dominação masculina e do integrismo religioso. Os “barbudos” estariam agredindo nossos valores comuns; além dos ataques terroristas, há no cotidiano toda uma série de pequenos atentados comprometendo o nosso modo de vida: do *hidjab* à *burka*, do *halal* em nossos pratos até a recusa em se deixar tratar nos hospitais por um médico de sexo oposto. Estamos, então, em guerra, sendo ela, primeiramente, uma questão de fronteiras. São novas fronteiras no interior da própria sociedade francesa, na qual se trataria de delinear os seus contornos. Por exemplo, medindo a altura das roupas das meninas adolescentes que deixaram de usar o seu chador⁹, ou ainda pelo estabelecimento da extensão da oferta de atendimento do serviço público. Mais amplamente, o jogo estratégico é o de endurecer o espaço civil a fim de submetê-lo ao regime que governa a esfera da autoridade pública. Não mais compete ao Estado em ser laico, mas, sim, ao bom cidadão! Trata-se, assim, de promover uma

⁸ *Le Monde*, 6 juin 2009.

⁹ De acordo com o Coletivo contra a islamofobia em França (CCIF), foram recenseados, em 2014, casos de 130 jovens proibidas de frequentar aulas, por causa de roupas consideradas “abusivamente ostentatórias”.

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

laicidade que orquestraria o comportamento dos indivíduos para melhor identificar o inimigo interno. A questão das fronteiras é, no fundo, a da identidade nacional; e o prefeito republicano de Nice, Christian Estrosi, nem hesita em falar de “Terceira guerra mundial” e de “quinta coluna”, afirmando, ainda: “temos inimigos da França que possuem uma carteira de identidade francesa” (*France* 3, 26 de abril de 2015). De agora em diante, o “choque das civilizações” ressoa na França.

O ISLÃ, O NOVO INIMIGO INTERNO

O islã identitário é, de fato, exacerbado por uma laicidade que se parece, cada vez mais, com um combate cultural para a defesa de uma sociedade profundamente retraída. Isso ocorre de tal modo que somente se enxergam os pobres filhos da República pelo prisma da sua crença religiosa. Nunca os equívocos foram tão profundos. Das questões do chador, passando pela saia islâmica até a carne *halal*¹⁰, nota-se um pânico moral que não para de envenenar o debate público. Será que o islã da França é refratário à laicidade ou será que é revelador da sua crise?

Se o jihad pode se tornar a esperança mundial dos sem futuro, isso acontece, certamente, devido à propaganda islamista nas redes sociais. O radicalismo, de livre acesso, é um vírus da globalização e pode, assim, enraizar-se e proliferar em meio a uma juventude deserdada, particularmente em localidades periféricas, pela penetração de imaginários de rupturas (BOUBEKER, 2003) junto a jovens pródigos do islã magrebino. Como bem sublinha Antoine Garapon (2015), a globalização desencadeia uma “confrontação de imaginários sem mediação”. Mesmo que não viaje pelo califado dos novos fanáticos de Deus, um jovem da periferia pode escapar à sua história da França apenas navegando virtualmente aqui e acolá. É essencialmente por intermédio das novas tecnologias que as cidades urbanas se viram, de repente, povoadas de muçulmanos identificando-se ao wahabismo¹¹.

¹⁰ Alimentos que podem ser consumidos de acordo com a religião (nota do tradutor).

¹¹ Seita islâmica de origem sunita extremamente ortodoxa e intransigente (nota do editor).

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIAMENTO Ahmed Boubeker

Que se diga mesmo contra a vontade das novas cruzadas da laicidade, o jihad francês, em pauta aqui, nada tem a ver com o islã. Até mesmo o prefeito Pierre N’Gahane, responsável pelo setor de prevenção pública de luta contra a radicalização, reconhece que esse fenômeno não se vincula à religião:

Não se trata de conversão ao islã, mas sim ao radicalismo, até mesmo para os muçulmanos. A maioria dos radicais tem em comum uma situação de fracasso, de ruptura, de busca de sentido ou de identidade. Assim, eles poderiam se agarrar a qualquer coisa: uma seita, o suicídio ou a droga. A força do discurso jihadista está no fato que ele dá resposta a tudo; trata-se de um kit de soluções. A nós de propor uma solução alternativa.

Certos especialistas do islã contemporâneo acrescentam a isso a afirmação de que o discurso de Daesh somente tem alcance junto a “aqueles que não têm nenhuma cultura islâmica” (FILIU, 2014): os novos fanáticos de Allah seriam, antes de tudo, jovens perturbados do Facebook, os *geeks*, cuja revolta ou cujo sonho heroico se extravie em uma conspiração globalizada e em superstições apocalípticas. Então, por que acusar o islã quando é o jihadismo que se apresenta como uma subcultura, uma infrarreligião ou um desvio sectário (ROY, 2012)? É porque aquilo que está em jogo concerne à maioria dos descendentes de uma imigração pós-colonial de confissão muçulmana. É, também, porque esses descendentes, em sua maioria, cresceram nas periferias urbanas onde o movimento salafista (AMGHAR, 2005) vem ganhado cada vez mais espaço. Os salafistas têm barbas grandes, calças enfiadas nas meias quando não estão usando a *dishdasha* [túnicas saarianas] de comprimento apenas de quatro dedos sob os joelhos, o que não os impede de ostentar orgulhosamente as marcas tão caras à cultura urbana, tais como: tênis de marca, *smartphone* de último lançamento etc. Se o rigor da fé permanece ainda minoritário nas cidades urbanas francesas, vale dizer que esse movimento tem certo alcance no meio dos jovens das periferias, a ponto de a França ser, na Europa, o primeiro polo da organização salafista. De acordo com as fontes da polícia, haveria, hoje, no Hexágono, entre doze e quinze mil salafistas, bem como noventa mesquitas inscritas nessa dinâmica.

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

Tal como sublinhado pelo pesquisador Patrick Haenni (2006), “o salafismo é o fruto amargo da despolitização do islã, da racionalização de uma relação de recuo e de recusa à sociedade francesa”. O fracasso do islã político serviu de alicerce ao salafismo. A sua afluência se deu a partir dos antigos militantes do FIS, refugiados na França, os quais abraçaram a versão apolítica do salafismo dos teólogos saudianos. Justamente, a modernidade ocidental – com a qual as correntes reformistas, em busca de participação política, teriam pactuado – é denunciada como um desvio. Entretanto, de forma mais abrangente, é sobre as inovações, desde o primeiro século do islã, que incide a crítica. Essa mensagem foi tomada ao pé da letra por alguns estudantes que obtiveram bolsa de estudo na Arábia Saudita e que, de retorno ao país, começaram a pregar, no final dos anos 1990. Os seus discípulos, junto à juventude das periferias, não possuem fortes conhecimentos a respeito dos diferentes temas sobre a religião. Mas o que importa isso, se, com o salafismo, até mesmo um mau aluno pode se tornar o primeiro (da classe)?

O seu discurso combinando fábulas maravilhosas, como o anúncio do apocalipse e de uma apólice de seguro para a vida após a morte, soa bem aos ingênuos ouvidos de um público que deseja respostas simples a questões espirituais ou existenciais. A relação (fechada) entre si dos salafistas é a solução de todos os problemas, na medida em que se veem sozinhos contra todos os *kafirs* (incrédulos) e os “collabos”¹². Assim, a fim de se distinguirem, eles enrijecem demarcando as fronteiras do que é *Halal* (permitido) e do que é *Haram* (proibido), conformando-se estritamente às regras emitidas pelos teólogos saudianos, que explicam como nutrir-se, vestir-se, tomar banho, rezar ou fazer amor. A abrangência do domínio do halal impõe-se assim como um modo de vida, um marcador identitário; na dúvida, basta imitar os companheiros do Profeta. Que importa, se a França não gosta de seus filhos muçulmanos! Ora, basta deixá-la e voltar às origens, à terra dos ancestrais! Caso não possa trilhar por esse caminho, tem que se mexer e se instalar em uma espera messiânica – o que faz lembrar o mito de retorno da geração dos pais. É uma espécie de emigração interior – para retomar a expressão de Hannah Arendt – que se dá

¹² Termo pejorativo para se referir aos traidores franceses que colaboravam com os nazistas, utilizado na França durante a Segunda Guerra mundial (Nota do revisor técnico).

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

pelo retraimento em relação ao engajamento cidadão e de toda forma de participação cívica na sociedade francesa! O salafismo não tem qualquer pretensão de regular as periferias. Ele visa primeiramente uma religiosidade de retraimento sectário do indivíduo e de sua galera do bairro identificada como uma “confraria resgatada” pelos teólogos sauditas. Os últimos da turma serão então os eleitos, os puros.

Serão, contudo, esses novos fanáticos de Deus assim tão perigosos? A opinião pública, a mídia e os demais apóstolos do declínio acreditam que sim. Na verdade, a maior parte deles inscreve-se em uma corrente do quietismo que se opõe à vertente jihadista do salafismo. Certamente, se de fato uns itinerários de radicalização passam pelo salafismo, como sublinha Farhad Khosrokhavar, “muito dos fanáticos de Deus são uma barreira à radicalização”.

CONCLUSÃO

Não se pode, contudo, afirmar que os jihadistas nada têm a ver com o islã das periferias. Se, de um lado, a sua cultura islâmica deixa a desejar; de outro, eles não deixam de reivindicar um islã “bricolado”¹³ em uma comunidade virtual. Isso possui aspectos em comum com o romantismo revolucionário do esquerdismo dos anos 1970. A rejeição social e política permanece como o primeiro vetor do radicalismo. Através de imaginários de rupturas, o jihadismo prolifera nas periferias, territórios abandonados e esquecidos da igualdade social e mais propícios a essa deriva, tanto mais quando, aí, se reivindica também uma certa herança muçulmana. Correndo o risco de desagradar a nobreza intelectual dos salões parisienses, ressaltamos que não se trata de uma conspiração muçulmana tecendo tal situação crítica, mas de uma imbricação de crises internas da sociedade francesa, cada uma tendo a sua própria historicidade: crise da laicidade, crise das periferias, crise da mescla francesa e crise da França pós-colonial confrontada com os fracassados da descolonização de seu antigo império. É mais uma questão de estratos de esquecimento de nossa história contemporânea – esquecimento

¹³ Do termo, bricolagem (Nota do revisor).

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS: A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO RETRAIMENTO Ahmed Boubeker

do islã, das periferias, da imigração, da colonização etc. – que se conjugam e que retornam, de maneira paroxística, através das explosões da violência: violência total do terrorismo islâmico; violência espetacular dos motins urbanos; violência criminalizada e simbólica do neorracismo e do antissemitismo; violência política dos discursos públicos, violência social da relegação e das discriminações; retorno da violência das cidades de exílio.

São violências que se tornam eco ensurdecedor de uma incapacidade de fala, de uma imbricação de silêncios que não conseguem abafar os gritos espantosos neorreacionários, nem as injúrias públicas, tampouco os outros fluxos verbais político-midiáticos, ou, ainda as verborragias das WEBS identitárias ou salafistas. Incapaz de falar a si mesma, a sociedade francesa se entrincheira detrás da sua muralha de silêncios e de ressentimentos memoriais. Assim, ela mantém doravante uma dinâmica de confrontação que constrói o retraimento identitário. A construção social do estrangeiro tomou recentemente uma nova dinâmica sustentada pelo direito. Logo depois dos atentados de novembro de 2015, a proposta do Presidente da República, François Hollande, no sentido de ampliar o campo das regulamentações da nacionalidade, vem contribuir para o enrijecimento dos traçados das fronteiras internas da sociedade francesa. Tratar-se-ia, assim, de sancionar pela lei uma situação de fato, qual seja, a cidadania de segunda zona dos nacionais que não sejam franceses como os outros. Quem não está vendo, nessa sociedade à deriva, a reconstrução pós-colonial do estrangeiro?

REFERÊNCIAS

AMGHAR, Samir. Les Salafistes français: une nouvelle aristocratie religieuse. **Maghreb-Machrek**, n.185, printemps 2005.

ANTONIUS, Rachad. Un racisme respectable. In: RENAUD, Jean *et al.* **Les relations ethniques en question**. Montréal: Presses universitaires de Montréal, 2002.

BAUBEROT, Jean. **La laïcité falsifiée**. Paris: La Découverte, 2014.

BOUBEKER, Ahmed. **Les mondes de l'ethnicité**. Paris: Balland, 2003.

INTER-LEGERE

O ISLÃ DAS INQUIETAÇÕES E OBSESSÕES PÚBLICAS:
A ISLAMOFOBIA E A LAICIDADE DE EXCEÇÃO EM UMA FRANÇA EM PROFUNDO
RETRAIMENTO
Ahmed Boubeker

BOUBEKER, Ahmed; BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal. **Le Grand Repli**. Paris: La Découverte, 2015.

CASTORIADIS, Cornelius. **Quelle démocratie?** Paris: Editions du Sandre, 2013.

CNCDH (Comissão Nacional Consultiva dos Direitos Humanos). **La lutte contre le racisme, l'antisémitisme et la xénophobie. Année 2014**. La Documentation française. Paris, 2015.

D'AUZON, Marie. **Convertie**. Paris: Le livre de poche, 2009.

FILIU, Jean Pierre. **Le Monde**, 18 novembre 2014.

GARAPON, Antoine. Que nous est-il arrivé ? **Esprit**, février 2015.

HAENNI, Patrick. La France face à ses Musulmans: émeutes, jihadisme et dépolitisation. **Esprit**, octobre 2006.

HUNTINGTON, Samuel. **Le Choc des Civilisations**, Paris, Éditions Odile Jacob, 1997.

MAI, Mukhtar. **Déshonorée**. Paris: Oh ! Éditions, 2006

MUHSEN, Zana. **Vendues**. Paris: Fixot, 1993.

ROY, Olivier. **La Sainte ignorance**. Paris: Le Seuil, 2012.

SHARIFF, Norah. **Dévoilée**. Paris: Pocket, 2010